

TOMIE OHTAKE: EM MEMÓRIA DA CIDADE

Da Catedral da Sé ao MASP, passando pelo Monumento às Bandeiras e chegando à estátua de Borba Gato, São Paulo é pontuada por construções que algo têm de significativo. Mesmo que, em geral, tais marcos e construções, feitos nos mais diversos momentos, falhem em contemplar todas as muitas transformações da cidade e esta seja mais lembrada como paisagem metropolitana genérica, os pontos de referência que existem e são lembrados comunicam, através deles, memórias peculiares. Seu reconhecimento pela população pode resultar de sua simbologia, da presença que impõem ao local em que estão situados ou até da representatividade que foram adquirindo devido a algumas de suas características – da grandiosidade até a estranheza de seus traços.

Antes mesmo da realização das obras públicas de Tomie Ohtake, a Ladeira da Memória e a Avenida 23 de Maio já eram lugares associados a momentos distintos da história. A primeira nos transporta ao princípio do século XIX, quando uma nova cidade estava se delineando e pedia outra via de acesso, uma nova porta de entrada para a região central. O largo, demarcado por um chafariz e um obelisco, transformou-se com o tempo e a memória – enfim, ficou como referência ao caminho, que a partir dali, seria cruzado, limite entre a cidade anterior e a que estava por vir. Mais de um século depois, nos anos 1960, foi inaugurada a extensão total da Avenida 23 de Maio, circulação direta pelo eixo norte-sul da cidade, diretamente relacionada com a lógica de uma metrópole moderna. Larga via instalada sobre um mercado fundo de vale, representa a aposta no automóvel como veículo e motor do crescimento da cidade.

Imbuídos de tão diferentes narrativas e importância, esses dois lugares receberam importantes obras públicas de Tomie Ohtake. Feitas num intervalo de quatro anos e situadas em regiões centrais da cidade, distantes aproximadamente 5 quilômetros apenas, as duas obras encontram-se no momento inicial da produção urbana de Tomie e relacionam-se com suas linguagens mais características, a pintura e a escultura. Avizinados, é possível analisá-los frente à definição de monumento.

Usualmente, imagina-se que monumentos se refiram a acontecimentos históricos relevantes ou a feitos heroicos de algum personagem, comumente eleitos por critérios ideológicos e partidários a fim de gravá-los na memória de uma população. No caso da pintura mural de Tomie Ohtake na empena cega de um prédio comercial em plena Ladeira da Memória, no Anhangabaú, suas cores e formas reforçam o caráter simbólico do espaço, mas esquivam-se de esclarecer com clareza exatamente o que celebra ou rememora. Sublinham esse lugar de passagem, que diariamente recebe e se despede dos trabalhadores da região central, sem exercerem o caráter de propaganda comum em tantos outros monumentos.

Já a obra posicionada no canteiro central da 23 de Maio age plenamente como monumento ao celebrar os 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. Sua forma e suas cores, porém, evitam a literalidade, deixando de representar diretamente algum personagem ou situação. As curvas de concreto não têm presença impositiva, adornos em excesso e nem outras figuras que sugiram uma leitura fechada. Em nada se parece com uma estátua clássica ou acadêmica. Sua vinculação direta com a efeméride se encerra na nacionalidade da artista e nas gerações de japoneses simbolizadas pelos quatro arcos, ou seja, em detalhes que extrapolam a sintética materialidade da peça.

Assim, fugindo do aspecto convencional, as duas obras de Tomie estão mais próximas do monumento por sua grande escala, pela mudança que são capazes de realizar na paisagem urbana e por sua identificação e integração à imagem e ao espaço metropolitanos.

Carolina De Angelis